

Pesquisador do Ipea pede fim de "cartórios"

Segundo Hélon Braga, não se trata de promover a argentini-zação do Brasil, nem a internacionalização total da economia, mas estabelecer concorrência compatível com uma economia de mercado, que na realidade não existiria, hoje, no Brasil cartorializado. "Não pregamos que se importe tudo o que der na cabeça das pessoas, sem tarifas ou qualquer tipo de restrição." "Não temos reservas cambiais para isso, nem pregamos o sucateamento da indústria brasileira, mas gostaríamos de fazer valer as regras básicas da economia de mercado", observa.

Para Hélon Braga, um ponto em que todo mundo está de acordo, tanto conservadores quanto liberais, é a abertura da economia. O modelo protecionista já deu o que podia dar, observa.

As divergências começam quando se parte para discutir como fazer isso. De acordo com ele, a visão liberal de como levar isso à frente parece ser a do presidente eleito. Ou seja, que é preciso reduzir a proteção excessiva de que desfruta a indústria nacional e ter uma atitude mais flexível com relação ao capital e à tecnologia estrangeira. Já a visão da "esquerda light", como ele chama alguns setores não radicais da oposição, é a visão de que essa integração deverá ser gradual e seqüencial, de que é preciso primeiro modernizar, para depois expor a indústria nacional à concorrência externa. "O liberal diz que isso nem é possível nem é eficiente."

Conforme o pesquisador, o pensamento liberal moderno prega que a melhor maneira de promover a modernização de um parque industrial é expô-lo à concorrência. "É a concorrência que obriga à modernização", entende. Assim como a única forma de fazer com que os oligopólios, os cartórios, baixem seus preços, é permitir a importação de produtos similares que possam ser adquiridos mais baratos no Exterior. "Aí os da esquerda light dizem que não é necessário liberalizar para que os preços baixem. Que contra isso existe o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) para fiscalizar. No fundo, o que querem, mesmo sem saber, iludidos, é afastar o risco." Argumenta o pesquisador que esse é um raciocínio equivocado, já que com o tempo o Cade passa a ser dirigido pelos oligopólios. "É o bode tomando conta da horta." O mesmo aconteceria se fosse executada uma política de pulverizar o setor oligopolizado, com milhares de pequenas empresas. "Isso elevaria os custos, pela falta de economia de escala." Afirma que, mais uma vez, a solução cai na idéia de liberalização.

INTERVENÇÃO

Hélon Braga lembra que todas as tentativas de liberalização feitas no Brasil esbarraram numa classe empresarial que "ficou rica com o protecionismo". Também numa burocracia que se infiltra na Cacex, CPA, SDI, Inpi, BNDES por duas razões básicas: ela é ideologicamente comprometida com uma política intervencionista do Estado e tem uma ingerência formidável na economia como um todo; e entende que política industrial é intervenção, porque foi criada num establishment que a condiciona a isso. A burocracia conhece modernização como algo dirigido e nunca como fruto da livre concorrência. E para dar esse choque liberal, segundo ele, Collor terá de desmontar o aparelho ideológico-burocrático que está aí há mais de 20 anos.